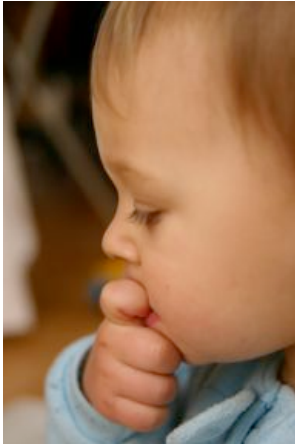


**CRESCER É
APRENDER
COMO FAZER**



usando



a Curiosidade e



a Cumplicidade

**Educar ou ensinar
exige sempre uma relação de amizade.
A obediência
não faz parte da amizade, nem do amor.**

***"Quantos mais erros faço mais esperta fico."
Inês - 8 anos***

Na Lei dos Erros,

Jack Cohen¹ afirma que enquanto se falha em menos de 10% das tentativas, é porque se está a tentar pouco.

Não existe tentativa e erro, o que existe são actos de fazer ("fazer") e sucessos.

"Erros" são conceitos culturais negativos para "fazer" de/em experiências...

*No calor dos ninhos,
as crias formam uma unidade íntima e entrançada com os pais
onde, num permanente jogo de "fazer", experiências e sucessos,
a aprendizagem se constrói sem existirem castigos por erros.*

*Nos humanos,
enquanto bebés, também esta forma de "ensino-aprendizagem" é
semelhante.*

*Todavia, ao fim de algum tempo, a obediência para "fazer correcto"
e os castigos por errar tomam conta do processo:*

a alegria de aprender (e de ensinar) desaparece.

...esquecendo que aprender é a aventura de, nesse momento,
cada um ir para o "seu" impensável.

¹ - Jack Cohen, Ian Stewart – *The collapse of Chaos: simple laws in complex world*. Viking, 1994

Introdução: **A Curiosidade**



A Pedagogia é a cumplicidade de passear na curiosidade, com a alegria da descoberta, aumentando novos mundos ao seu mundo.

Quando a cumplicidade se destrói, e tudo se parte em pedaços sem sentido, a curiosidade foge. Apenas fica o pântano da memória morta, que flutua como corpo apodrecido, onde a alegria e o rir de viver o desconhecido desaparecem...



... e então, as crianças, com a sabedoria da vida, procuram a vida "**lá fora...**"

Assim, um desejo para o ensino:



que a cumplicidade nunca desapareça e que a alegria de viver o desconhecido nunca seja destruída pela obediência do aprender, pois a obediência não faz parte da amizade, nem do amor.

A vida é curiosidade... o bebé vive de curiosidade, ele é **curiosidade viva** quando toca nas coisas à sua volta, quando as experimenta e as procura perceber, aprender ...

... aos 5 meses ...

... quando o João sorri, todas as pequeninas partes do seu corpo sorriem, os seus dedos dos pés abrem-se e reviram-se para cima numa alegria transbordante.

Quando está triste está totalmente triste e infeliz.

Quando, interessado, pega num objecto, apenas esse objecto existe para ele em todo o mundo à sua volta:

toca-o, prova-o, cheira-o, sente-o, coloca-o nas coisas e coloca as coisas nele, mostra-o às pessoas, entrega-o, pede-o de volta, olha-o de perto, observa-o de longe ...

... a sua total absorção, concentração e dedicação é maravilhosa de ver... e comove ...

... todo ele é curiosidade, todo ele é aprendizagem, todo ele é evolução... e assim ele vive feliz !

É alegre, vivo, acorda cheio de energia, quer novos desconhecidos para descobrir, quer novas aventuras para experimentar, quer minutos plenos de novidade, quer aprender intensamente, quer agarrar o prazer de cada segundo diferente.

Mas, acontecerá alguma coisa ao João, como aconteceu a todos nós ??

... anos mais tarde, criança ainda ... para onde foi a sua alegria e o seu prazer de aprender ?

Porquê, ao ser mergulhado no ensino, se tornou vazio e confortado, com a culpa e o medo a desfilar em seus olhos ?

Porquê se sente perseguido por um saber gelatinoso que não lhe tocar, fechado num aprender distorcido com exames de mágoa?

... o que lhe fizemos? ... em que idade se começou a sentir assustado e cansado com o aprender ?

com base em Nelson Trindade, Pedagogia Experiencial

A vida é um impulso à evolução, a ser diferente do que é, a transformar-se.

Há uma lei cósmica que nos obriga a evoluir. Ela reconhece-se no rir alegre da criança quando aprende algo novo, quando se sente transformada porque começou a andar, quando diz a primeira palavra e ouve as primeiras respostas...

A vida é um desejo insaciável de fazer experiências, de ter vivências sentidas, de as compreender, de as aprender, pois, como dizia Aldous Huxley, a experiência não é o que nos acontece, mas sim o que fazemos com aquilo que nos acontece.

Numa palavra, e em resumo, nós somos apenas "as experiências das nossas vivências", o que, retomando uma ideia de Abraham Lincoln, pode dizer-se que "aos 40 anos, somos responsáveis pelo nosso rosto", na medida em que a nossa cara é apenas o retrato das nossas experiências sedimentadas.

Neste novo século, a questão principal que se coloca é:

***Estamos aprendendo com a mesma velocidade
com que o mundo muda ?***

Ou seja,

o importante não é o que sabemos, mas a velocidade com que aprendemos o que não sabemos.

O centro desta "motivação" é a curiosidade (e a angústia) de, primeiro, *procurar identificar o que não se sabe*, e, em segundo, *procurar saber o que não sabe*.²

Quando, arrogantemente aprisionados dentro do statuo quo de conhecimentos já adquiridos, e esquecendo que a pior situação é *nem sequer saber aquilo que não se sabe*, encontramos as posições confortáveis e perigosas dos "aprendizes de feiticeiro" que caminham alegremente para o precipício olhando a lustrosa biqueira dos sapatos³.

Aprender é adquirir a humildade de ser ignorante, é ser suficientemente "sábio" para saber que, quanto mais se sabe, menos se sabe.

Num exemplo, muito simples, vamos pensar numa aprendizagem sobre **Teoria Quântica e Pedagogia**.

Considerando que a Teoria Quântica invadiu os nossos paradigmas culturais, alguém resolveu conhecer um pouco mais esse novo ponto de vista científico.

Assim, começou por ler um pequeno livro:

"Taking the Quantum Leap - The new Physics for non-scientists-"
Fred Alan Wolf (num total de 268 pág.).

² - Em gestão fala-se no custo da não-informação. Mas, existe também o custo de ignorar "qual é a não-informação que não temos". No plano militar, este é um dos aspectos mais importantes: *nem sequer saber que informação não se tem*.

³ - "Quando o sábio aponta para a lua, o idiota olha para o dedo" (provérbio chinês)

Depois de o ler, a questão que se lhe coloca é:

saberá mais sobre a Teoria Quântica ou, apenas
ficará a saber que não sabe praticamente nada ?

Para responder, basta olhar a bibliografia de 90 títulos, que se encontra no fim do livro. Nesse momento, ele sabe que não sabe nada dos *90 títulos de referência* sobre o assunto.

Com este novo conhecimento adquirido, a consciência do volume da sua ignorância aumentou.

Sem desistir, interessado em Pedagogia, resolveu aprofundar especificamente o tema. Comprou o livro:

“ The beginner’s guide to Quantum Psychology”
Stephen Wolinsky, PH.D.,

apenas com 174 páginas. Todavia, no fim, a bibliografia de aprofundamento propunha mais 80 títulos.

Decidido a continuar, abandonou o aspecto geral e aprofundou a pedagogia para o século XXI, pelo que comprou um livro considerado base:

“The accelerated Learning Handbook”
Dave Meier.

Este livro, mais especializado, desenvolvia de forma prática o tema do “ensinar-aprender” em 250 páginas. Ao estudar a bibliografia, reduzida e seleccionada, encontrou 130 títulos.

Durante a leitura do livro, o tema “fluir da experiência” interessou-o bastante e atraiu-lhe a curiosidade e o interesse. O autor mais citado e listado era:

Mihaly Csikszentmihalyi, com o seu livro
“Flow: The psychology of optimal Experience”

Foi um livro difícil de encontrar por mais ou menos esgotado. Depois de pesquisas na INTERNET e de “conversas” por e-mail, finalmente é encontrado em língua espanhola e em leilões de livros em 2ª mão nos USA.

Comprado e estudado, o livro com suas 250 páginas, apresenta uma bibliografia de 500 títulos.

Conclusão:

Para aprender algo sobre a Teoria Quântica e a “aprendizagem acelerada” estudou 4 livros, num total de 942 páginas:

268 pág. + 174 pág. + 250 pág. + 250 pág. = 942 pág.

o que lhe abriu um mundo de **ignorância** (*não-conhecimento*) **de 800 livros:**

90 livros+80 livros+130 livros+500 livros = 800 livros

que, com uma média de 200 páginas por livro, significa:

uma ignorância de 160.000 páginas para estudar...**para início,**

pois se aprofundarmos o estudo destas páginas, o "buraco negro" da consciência do que não se sabe aumenta exponencialmente.

Com clareza, surge o paradoxo da sabedoria: *quanto mais se sabe, menos se sabe.*

***A sabedoria é saber que nada sabe,
pois o aprendido nem sequer é um
grão de areia na "praia do Saber"***

Texto Zen

O exemplo descrito mostra que a aprendizagem no século XXI deve ter duas grandes linhas de força:

- 1 – **ser orientada por uma grande curiosidade**, que nos faz focar um aspecto e não noutro e, ao dar-nos motivo para caminhar nessa direcção (motiv-acção) e não noutra, permite orientar-nos na "selva" da informação disponível.
- 2 – **ser realizada por métodos de "caça"** (esforço activo de orientação) sobre aquilo que se procura e não apenas por técnicas de "colecta" (esforço passivo de armazenamento).

Mas, para esta "caçada" ser eficaz necessita de informação partilhada por todos quantos podem ajudar, não por vantagens pessoais imediatas, mas apenas por cumplicidade de pertencer também ao "gang" da curiosidade, em que todos estão mergulhados: o problema não é saber, é caminhar no conhecimento.^{4,5}

Estas duas linhas de força alteram a pedagogia clássica do ensinar por obrigar a "*beber a sabedoria de uma fonte omnisciente*", e cujo progresso da aprendizagem é avaliado pela correcção com que o aprendiz se tornou "His Master Voice" do ensinante.

Nesta perspectiva tradicional, a obediência e a memória são os factores principais da relação ensino-aprendizagem, e não a curiosidade-orientação.

Na actual situação do *século XXI*, exponencial em crescimento e mudança dos conhecimentos disponíveis, os factores de aprendizagem já não são a obediência, nem a memória, mas sim a **curiosidade** (onde o importante não é ter respostas, mas saber fazer perguntas) e a **orientação** (onde o importante não é onde estou, mas para onde vou⁶) dentro do emaranhado de informação disponível.

⁴ - Este espírito já vive na Internet, onde basta perguntar para obter respostas válidas, não como solução mas como informação disponível para ser usada pelo "perguntador".

⁵ - Atitude bem diferente da que ainda se vive na política, na sociedade, nas empresas e na família, onde o "segredo é a alma do negócio" e o "só eu saber, é garantia de poder"

⁶ - W. Shakespeare: " Quem não sabe para onde vai, nunca está perdido"

Na prática, a união destas três linhas de força (**século XXI, curiosidade e orientação**) obrigam a que a pedagogia facilitadora da aprendizagem exista num mar de **cumplicidade**:

- na partilha de fontes informativas,
- na oferta de pistas de orientação,
- na entrega de contactos,
- na entrega de interpretações e opiniões a serem debatidas, confrontadas e aprofundadas,
- no clima de recusa de poder por posse de segredos,
- na aceitação do poder de “partilhar para ter mais para partilhar”⁷,
- a existência de um poder que deixou de ser posse para ser movimento,
- deixou de ser armazenamento para ser caminho,
- deixou de “guardar” para ser fluir.⁸

Como exemplo:

Ainda hoje, é vulgar, num seminário de formação profissional de 25 a 30 horas, que pode custar entre 750,00 a 1.000,00 €, os participantes passem toda a formação a tentar tirar notas do que é dito (para estudar depois) e, no fim, ainda quiserem fotocópias descritivas de alguns aspectos focados.

Em conclusão, pagam cerca de 1000 € para ficar com registos técnicos, normalmente pouco clarificados, de uma informação que se encontra bem estruturada em livros ou que se obtêm facilmente na internet, e que custam cerca de 15,00 a 20,00 €, ou até gratuitamente.

Em resumo, pagam centenas de euros para ficar com informações confusas e escritas apressadamente que se compram com correcção por 2% desse valor.

Na verdade, no sec XXI, a formação não é para obter informações documentais, dantes armazenadas nas escolas e bibliotecas e hoje oferecidas na net. A formação é para potenciar a capacidade de “caçar” aprendizagem sobre o tema, depois da acção de formação acabar.

Ela deve dar informações técnicas que orientem, modelos e métodos para “construir aprendizagem” e fundamentalmente criar curiosidade e cumplicidade nas redes dessa aventura.

O seu polo é **criar o “UHAU!!!...” de espanto**, característico do momento em que se aprende algo. Nunca se pode esquecer que

... quem aprende tem o direito inalienável de ir embora se aborrecido...⁹



⁷ - Vide a cultura da Internet onde o importante não é ter, é disponibilizar.

⁸ - Se o saber não flui é lixo, se não é partilhado é peso morto.

⁹ - As faltas aos alunos não são uma protecção aos alunos, são uma protecção ao professor, pois a sala vazia mostrar claramente que é altura dele mudar de profissão: não sabe criar o “UHAU!!!...” motivante.